



DECOMPONDO A SALA DE AULA: experiências pedagógicas no ensino de antropologia

Marcus Bernardes¹

Resumo

O ensaio tem o objetivo de explorar, através da etnografia das aulas de Antropologia em uma instituição privada de ensino superior, as possibilidades narrativas e tensões das relações do tipo objetos/sujeitos e materiais/pessoas no cotidiano da sala de aula presencial e remota. Argumento que o conceito de agência prende a ação em algum ponto (no sujeito ou no objeto) e essa fixação pode limitar a percepção de determinados eventos pedagógicos. E se a sala de aula, não fosse um reagrupamento do social, mas uma assembleia? E se em vez da agência dos objetos imaginássemos a vitalidade dos materiais? Considero que essa última relação abre alternativas para que a sala de aula não se encerre em suas paredes. Inspirado em Helen Verran (2001), dividi o trabalho em três partes: “Ensino Presencial”, “Ensino Remoto” e “Seguindo Materiais Educacionais”. As duas primeiras partes do ensaio abordam a agência dos objetos nas salas de aula presencial e as didáticas do modo *on-line* em decorrência das transformações educacionais a partir da pandemia da Covid-19. A última parte objetiva decompor a sala de aula, indicando que seguir os materiais e as pessoas (docentes e discentes) é perceber que ambos se juntam para contar histórias através de processos de crescimento do conhecimento desses entes ao compartilhar o mundo.

Palavras-chaves: Antropologia. Educação. Ensino de Antropologia.

¹ Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor de Ciências Sociais no Centro Universitário FG (UniFG). E-mail: marcusbernardes@outlook.com.br

Decomposing the classroom: pedagogical experiences in Anthropology Teaching

Abstract

The essay aims to explore, through the ethnography of Anthropology classes in a private undergraduate institution, the narrative possibilities, and tensions in the relationships of the type objects/subjects and materials/people in the daily life of the presential and remote classroom. I argue that the concept of agency attaches the action to some point (in the subject or in the object) and this fixation can limit the perception of certain pedagogical events. What if the classroom was not a regrouping of the social, but an assemblage? What if, instead of the agency of objects, we imagined the vitality of materials? I believe that this last relationship opens alternatives so that the classroom does not close itself in its walls. Inspired by Helen Verran (2001), I divided the work into three parts: “Classroom Teaching”, “Remote Teaching” and “Following Educational Materials”. The first two parts of the essay address the agency of objects in face-to-face classrooms and the didactics of the online mode because of educational transformations from the Covid-19 pandemic. The last part aims to decompose the classroom, indicating that following the materials and people (teachers and students) is realizing that both come together to tell stories through processes of growth of knowledge of these entities when sharing the world.

Keywords: Anthropology. Education. Anthropology Teaching.

INTRODUÇÃO

O artigo tem o objetivo de explorar diferentes narrativas e tensões envolvendo as relações do tipo objetos/sujeitos e materiais/pessoas a partir das aulas de Antropologia em uma Instituição de Ensino Superior privada no sudoeste da Bahia. Reelaboro aqui essas experiências pedagógicas como professor observando nuances da sala de aula presencial e remota, particularmente, em função do ensino remoto emergencial imposto pelo contexto pandêmico em 2020.

Nas duas primeiras seções intituladas “Ensino Presencial” e “Ensino Remoto” reflito os objetos na sala de aula em interação com o professor e os estudantes. Contudo, ao longo do texto, demonstro as limitações do conceito de agência e experimento narrar a sala de aula como uma assembleia (Tsing, 2022).

Desdubro esse novo conjunto de relações do tipo materiais/pessoas, especialmente, na terceira seção “Seguindo Materiais Educacionais”. As três partes que constituem a centralidade argumentativa do trabalho, além da presente introdução e as considerações finais, foram construídas inspiradas em Helen Verran (2001). No livro *Science and an African Logic*, a filósofa australiana discute a sua participação como docente no programa ocidental de formação de professores para o desenvolvimento do currículo em Ciências e Matemática em países africanos nas décadas de 1960 e 1970, particularmente, no *Institute of Education at the University of Ife* (agora *Obafemi Awolowo University*), na Nigéria.

Um dilema é levantado pela autora: ensinar os seus estudantes a seguir apenas o livro didático (o que seria uma traição com os professores e as crianças) ou encorajar as inovações pedagógicas iorubás (o que podia ser visto como um relativismo cultural, cedendo a um “tribalismo” da Nigéria). A primeira versão do livro se chamava “Os Números e as Coisas”, mas ela ficou insatisfeita com a narrativa relativista que havia apresentado, criando um método para decompor os seus escritos. Grosso modo, Helen Verran (2001) elabora uma crítica ao universalismo, ao mesmo tempo que não nega completamente os textos relativistas críticos, tornando as tensões e desconfortos mais correspondentes com suas experiências na sala de aula.

O livro é dividido em três partes (*Numbering, Generalizing e Certainty*) e cada parte subdivide-se em três capítulos estruturados da seguinte forma:

1º capítulo – uma explicação relativista da diferença;

2º capítulo – uma decomposição desse argumento;

3º capítulo – uma consideração alternativa da diferença no aspecto da lógica generalizante [*generalizing logic*].

Aqui não há espaço para a discussão dos detalhes dessa argumentação que é bastante longa. Não tenho a pretensão, neste ensaio, de propor uma versão ainda que simplificada do que a filósofa australiana construiu. A minha inspiração é mais experimental e com algumas diferenças, por falta de espaço, tempo e talento.

Em síntese, as duas primeiras seções do ensaio pretendem demonstrar a agência dos objetos nas salas de aula presencial e virtual. Diferente de Verran (2001) que decompõe o argumento e apresenta uma alternativa, tento fazer as duas coisas na terceira seção, correndo os riscos da simplificação. A ideia é basicamente demonstrar que o conceito de agência prende a ação em algum ponto (no sujeito ou no objeto), já as relações do tipo materiais/pessoas indicam novos caminhos para refletir diferentes conhecimentos que circulam na sala de aula.

Ensino Presencial

Era difícil se situar nos grandes corredores tão alvos que pareciam mais um hospital do que uma universidade. Para olhos recém-chegados todo lugar parecia igual, embora mais tarde percebi que cada sala era nomeada com uma cidade do sudoeste baiano, a inscrição com número e nome da sala era acompanhada por uma breve descrição histórica do município. Naquele primeiro dia de aula na instituição me dirigi à recepção informando que era um novo professor. Após as boas-vindas entusiasmadas da recepcionista, foi me entregue o que de forma simplificada todos chamavam de kit.

Um estojo, já envelhecido pelo tempo e pela troca constante de mãos, feito de um tecido fosco na tonalidade azul-escuro com o logotipo da instituição e repleta de pequenos riscos de caneta azul e vermelha. Pelo toque imaginei que era um pincel para o quadro e um apagador. Perguntei onde ficava a sala 18 e me dirigi até lá.

O primeiro dia de aula tem um peso completamente diferente caso você seja professor(a) ou estudante. Os discentes – se forem calouros as emoções podem ser ainda mais intensas – ficam ansiosos para conhecer os(as) professores(as) ou determinada disciplina. O espaço físico desperta curiosidade e, de forma muitas vezes tímida, falas começam a ser ensaiadas com o colega ao lado. Contudo, o quadro geral é de espera: “como será a aula?”, “vou no banheiro agora ou depois?”,

“odeio essa disciplina”. Eu me atendo aqui aos pensamentos possíveis do contexto, porém, com certeza, no meio dessas inquietações existem as preocupações particulares sobre o trabalho, a família, a saúde, a política ou o time que perdeu.

As inquietações também perpassam o(a) docente. Mesmo com a aula preparada, ainda há dúvidas sobre como ela se desenrolará. Não só cada turma é única, mas o próprio momento de cada aula também é único. Há constâncias obviamente, mas existem elementos singulares importantes.

Esse primeiro dia de aula ocorreu na segunda unidade do segundo semestre de 2018 em uma universidade privada do sudoeste baiano. É estranho iniciar um trabalho com o semestre acadêmico em curso, mas na época, pela necessidade de sobrevivência, o fato passou despercebido. Mais tarde soube que estava substituindo uma professora afastada por questões de saúde em decorrência do trabalho.

Mesmo sendo um novato, eu queria sustentar uma posição de confiança. Isso foi quebrado em segundos. Ao chegar na sala 18, notei alguns estudantes na penumbra e sentados em silêncio. Acendi a luz e dei boa noite. Ao caminhar até a minha mesa enquanto me respondiam, não dei mais de seis passos e a luz apagou acompanhada do barulho estrondoso do disjuntor desligando de forma abrupta.

Fiquei sem entender nada e um dos estudantes percebendo minha surpresa informou que era necessário inserir um cartão na entrada da sala. Eu não fazia ideia desse cartão e só fiquei mais confuso. Outra estudante pediu que eu olhasse no estojo e lá estava o “bendito” cartão, junto com um controle do ar-condicionado que eu imaginava que era um apagador. Ao colocar o cartão no receptor acoplado na parede todos os aparelhos da sala ligaram: os condicionadores de ar, o computador, o projetor, o sistema de som e as luzes. Disfarcei a minha ignorância com alguma piada e o pessoal riu. Conversei com a turma que era a minha primeira aula na instituição e ninguém me informou sobre esse ritual de ativação eletrônica.

Aproveitei a situação para falar sobre Antropologia. Alguns dias antes um funcionário do setor de Recursos Humanos, muito simpático, me apresentou todos os setores, edificações e funcionários da instituição. Contudo, o ritual de ativar a

sala de aula passou despercebido. Conteí essa estória para eles chamando a atenção para o que é familiar ou estranho. O familiar, muitas vezes, entra no espaço do não dito, do óbvio, algo que é tão conhecido que dispensa explicações, mesmo nesse caso do cartão que faria parte do meu cotidiano de aula muito mais do que a localização do almoxarifado que ele me apresentou naquele dia. Entre as muitas tensões que a Antropologia se preocupa, essa relação entre o próximo e o distante (no tempo-espaço, nos modos de vida, nas cosmologias, entre o eu e o outro) ocupa um lugar especial para as reflexões.

Seguindo as linhas da alteridade imagino quem são os não humanos em uma sala de aula presencial de Antropologia? (Ingold, 2022). De forma geral, as salas são compostas por cadeiras, mesas, quadros, paredes, telhado, janelas, livros, cadernos, canetas, vestimentas nos corpos, mochilas e aparelhos eletrônicos (pessoais e da instituição). Talvez esse seja um primeiro nível de descrição em que os objetos são todos passíveis ou estáticos esperando uma ação humana, inclusive a minha de descrevê-las. A tinta da caneta na folha de caderno é coordenada por mãos humanas, assim como o giz ou piloto que materializa palavras no quadro. Onde está a agência, na tinta ou na mão?

A estrutura arquitetônica de uma sala de aula, nesse raciocínio, abriga objetos que auxiliam nas demandas pedagógicas, começando pelas carteiras arrastadas quando humanos querem se sentar. Por outro lado, e se imaginarmos que a sala de aula metaforicamente como uma bolsa ou sacola que abriga mais do que objetos e corpos humanos? Ela guarda também sonhos, aspirações, conflitos, angústias, dúvidas, perguntas e algumas respostas (Le Guin, 1989)³. Dentro dessa grande bolsa que na minha interpretação vai da ficção científica à educação temos também pequenas bolsas (mochilas) que guardam as experiências e histórias de

3 Na “teoria da bolsa de ficção”, a escritora Úrsula Le Guin, filha da escritora Theodora Kroeber e do antropólogo Alfred Louis Kroeber, propõe que a literatura não tenha o mito do Herói como a centralidade das narrativas. A escritora valoriza as histórias de vida, os pequenos fragmentos de contradições e controvérsias que habitam as relações humanas e mais que humanas. Por isso, mais do que a lança ou a espada, a bolsa assume um papel fundamental nessa proposta, pois é um artefato para guardar histórias. Uso ainda o vocábulo história para destacar o elemento criativo e produtivo da narrativa e não tem, necessariamente, uma relação de oposição ao real, conforme Gonçalves, Marques e Cardoso (2012) e Trouillot (2016).

cada um e cada uma, prontas para serem discutidas e compartilhadas, no que bell hooks (2017) chamou de comunidade aberta de aprendizado.

Na metáfora da bolsa não há lugar para o estático e passivo, nem para o ativo e heroico, são as estórias que são importantes. Contá-las não é representar o mundo, é “traçar um caminho através dele que outros possam seguir” (Ingold, 2015, p. 324). Uma comunidade aberta de aprendizado de fato acontece na sala de aula quando as estórias circulam, pegando um pedacinho de cada estudante e do professor. Educadores e educandos, nesse momento, estão co-intencionados nesse processo educativo, um estado de co-laboração mediatizado pelo mundo, que são as relações humanas e mais que humanas (Freire, 2013).

Só em filmes eu tinha visto cartões que abrem portas. Antes de trabalhar nessa instituição eu dava aulas de Sociologia em uma escola rural, muito precária, no interior do Recôncavo Baiano. Estava diante de um ambiente completamente diferente agora. O cartão, nos dias das aulas, antecedia muitas vezes as próprias saudações. Era ele (*he or it?*) que permitia que a sala começasse a funcionar.

Ao começar a detalhar alguns conceitos, a necessidade de escrevê-los no quadro acentuou a ausência do piloto e do apagador. Mais uma vez, auxiliado pelos estudantes, me dirigi ao setor específico que me forneceu dois pincéis (azul e vermelho) e o apagador. As aulas podem até ocorrer sem a presença desses entes não humanos, como um pincel ou um computador, mas as possibilidades também são limitadas quando eles não estão agindo. As mediações mudam também se a sala de aula passa do presencial para o virtual.

Ensino Remoto

Estamos vivendo uma pandemia. Covid-19. Coronavírus. Na data de hoje mais de 2 milhões de casos no mundo. Quarentena. Isolamento e distanciamento social. Parece que estamos em um filme. As aulas presenciais foram suspensas. Estamos todos nos readequando para a continuidade das aulas na modalidade virtual. Não consigo dormir. São quase quatro da manhã (Diário de campo, 16 de abril de 2020).

O primeiro semestre de 2020 foi cheio de desafios pedagógicos. As instituições públicas de ensino superior, de forma sensata, fizeram um amplo planejamento para o retorno das aulas virtuais no semestre seguinte. Professores e estudantes tiveram um tempo para entender este novo momento, já que as plataformas virtuais eram utilizadas como apoios e agora seriam protagonistas.

Nas instituições privadas, as aulas virtuais se tornaram uma realidade imediata. Lembro que ficamos sem aula apenas uma semana. Tivemos poucos dias para nos readequarmos diante do ensino remoto emergencial. As instruções eram imprecisas por parte da coordenação pedagógica (que não tinha culpa) e foi um caos. A tônica do momento era de medo e confusão. Alguns professores gravaram videoaulas e postaram no *Youtube*, outras utilizavam o *Google* sala de aula para dúvidas e atividades. Os mais empolgados davam aulas no formato de *live* pelo *Instagram* ou ligação pelo *WhatsApp*. Muitos professores só passaram atividades e aguardaram mais informações. Teve de tudo um pouco. O que importava para a instituição era continuar fornecendo aulas para que os estudantes continuassem pagando, sem reclamações. Entretanto, as reclamações foram crescendo exponencialmente a cada semestre.

Nesse início eu tive uma dificuldade imensa em dar aula por videoconferência. Naquele tempo, para mim era desconfortável falar através de simples ligações telefônicas, raríssimas vezes eu gravava um áudio no *WhatsApp*. Como a escolha era livre, desde que a máquina da educação e do dinheiro continuasse girando, preferi gravar as aulas. Busquei um *software* livre (OBS) para filmar e gravar a tela do meu computador simultaneamente. Era muito estranho falar para ninguém (humano). Eu já usava o *Google* sala de aula como ferramenta auxiliar de recados, postar cronogramas de aulas e tirar dúvidas gerais.

Após algumas semanas as diretrizes foram ficando mais precisas. Melhorou um pouco as plataformas virtuais já utilizadas pela instituição (*moodle* e *jacad*) e ficou mais clara a distinção entre aulas síncronas e assíncronas. Para as aulas síncronas eram utilizados o *Google Meet*, o *Zoom*, o *Loom* etc. Eu resisti o máximo que pude para ministrar aulas síncronas, mas com o tempo o desconforto foi

reduzindo. No final desse primeiro semestre de 2020 eu já estava acostumado a dar aulas virtuais.

Com a continuidade da pandemia, aos poucos, saímos de um ensino remoto emergencial para um ensino remoto intencional. Os professores ficaram mais experientes com as aulas remotas, novas possibilidades eram postas em prática. Agora docentes e discentes para desempenhar seus papéis em sala eram todos ciborgues, essa fusão de organismo e máquina que torna possível habitar, ainda que por algumas horas, o ciberespaço⁴ (Haraway, 2009).

Se antes tínhamos o cartão como objeto-chave no ritual de ativação eletrônica para o início da aula, a sala de aula virtual é dependente de uma cadeia muito maior de objetos. Agora cada estudante e professor estão em suas próprias casas e a sala de aula é engolida pelo ciberespaço. A tecnodiversidade ou as cosmotécnicas nessa nova sala de aula, estão para além da dicotomia tradicional e moderno, envolvendo dinâmicas constituídas no local, relacionando técnica, moral e cosmos (Hui, 2020).

Nesse sentido, eu tive a oportunidade de ministrar aulas para uma mesma turma nas duas modalidades (presencial e virtual). Em um primeiro momento considerei que, talvez por essa cadeia de objetos ser mais abrangentes (acesso à luz e internet, ter um computador ou celular, ter um aplicativo e cadastro, habilitar câmera, fones e microfones) as interações diminuiriam bastante. De fato, muito da participação do estudante é comprometida se ocorrer algum tipo de quebra na cadeia descrita acima.

Contudo, a sala de aula no ciberespaço constrói suas próprias especificidades. Os estudantes têm duas possibilidades de interação: escrevendo no *chat* ou abrindo o microfone e falando. Muitas vezes, os mais participativos, transitam nos dois fluxos. Como professor, aprendi também a prestar atenção

4 A palavra ciberespaço aparece pela primeira vez no conto *Burning Chrome* e é popularizada na obra de ficção científica, *Neuromancer*, ambas escritas pelo canadense William Gibson, respectivamente, em 1982 e 1984. Logo extrapola os usos literários e passa a denominar todo o universo das redes digitais como um novo meio de comunicação e construção de modos de vida (Lévy, 1998; 1999).

nessas duas instâncias, o que abriu um precedente para que discentes mais tímidos fizessem perguntas escritas. Muitas das conversas paralelas consideradas inconvenientes no presencial foram transpostas para o bate-papo virtual, mas agora com um sentido público muito maior, o que só intensifica o engajamento dos estudantes em determinado assunto e, pode indicar, como termômetro para o(a) docente, uma breve pausa para conversar sobre banalidades necessárias.

Na experiência que tive nos últimos três anos em aulas remotas, a maior parte dos estudantes não utilizam as câmeras. Na instituição que trabalho essa é uma das principais queixas dos docentes. “Eu não gosto de aula *online* porque parece que estamos falando sozinhos” é uma das frases mais repetidas em grupos de trabalho de professores ou conversas particulares. Ou seja, os objetos que acompanham a aula virtual não determinam a maior ou menor participação da turma (em condições normais de temperatura e pressão e acesso à internet e bom funcionamento dos meios telemáticos). As salas de aula virtual e presencial possuem potencialidades e limitações na qual a turma, os objetos e os professores podem explorar. A virtualidade da sala, entendida como um agrupamento ou associação no sentido latouriano, prescinde de objetos que transformam, traduzem, distorcem, modificam e transportam o significado ou elementos na sala de aula. A mediação desses objetos na sala de aula só é visível como evento, a narrativa que descrevo seria justamente a “contabilidade” dessa agência (Latour, 2012).

No princípio do ensino remoto as salas virtuais eram criadas pelos professores e enviadas através de *links* para os estudantes, assim como no presencial o tempo de aula poderia ser negociado, mesmo sem portas de madeira para entrar ou sair. Hoje, todas as aulas já estão previamente criadas para todo o semestre em uma plataforma educacional da instituição, com o horário de início e de término. No milésimo de segundo seguinte ao horário predefinido pelos profissionais da área de Tecnologia da Informação, mesmo que a aula não tenha terminado, a sala de aula se desfaz. Não existe um momento pós-aula. Rigorosamente um algoritmo cria a sala às 19 h e a destrói às 21:50 h e, na semana seguinte, a ação mecanicamente se repete.

Seguindo Materiais Educacionais

E se a sala de aula, na metáfora da bolsa que traz elementos para a cooperação, não fosse um reagrupamento do social, mas uma assembleia? E se em vez de agência dos objetos falássemos da vitalidade dos materiais? (Ingold, 2015; Tsing, 2022). O que narrei acima revela um jogo de “quase sujeitos” e “quase objetos” em redes relacionais (exceto quando recorri a Donna, Úrsula e bell). Não imagino a sala de aula assim. “Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes”. Oposto é exagero, mas algumas complementações diferenciais são necessárias.

Embora fosse possível propor essa articulação entre materiais e pessoas tomando por base as interações da sala de aula no ciberespaço, escolhi nesta seção recorrer às experiências pedagógicas na sala de aula presencial. Dessa forma, é possível captar as relações do tipo materiais/pessoas de uma forma direta (o que não quer dizer mais real ou verdadeira, não se trata disso). No virtual, essas interações com novos artefatos aparecem, inevitavelmente, mediadas por aparelhos telemáticos. Sem dúvidas é um conjunto importante para compreender essa nova sala de aula, mas que nesse momento, foge ao escopo principal desse trabalho.

Ao longo da narrativa sobre as atividades desenvolvidas em sala de aula, espero evidenciar como os estudantes se correspondem com os materiais e se implicam nas histórias contadas, relacionado a um só tempo, as próprias experiências em consonância com temas estudados pela Antropologia.

Concordo com Tim Ingold (2015) que a superação da dicotomia entre sujeito e objeto não está na atribuição da agência ao objeto. As mochilas, as conversas, o quadro, o computador, professores e estudantes são experiências em movimento que estão em situação de correspondência durante a aula, ou seja, a relação é o que importa e não um ponto específico de onde a ação inicia.

A sala de aula como assembleia (e não como associação, como descritas nas partes anteriores) implica não só notar o movimento de diferentes materiais, Decompondo a sala de aula: experiências pedagógicas no ensino de... | Marcus Bernardes 47

humanos e não humanos, é também arrastar a economia política, o Estado, o mercado de trabalho, a formação profissional, a ecologia para dentro da sala de aula (Tsing, 2022).

O que está por trás das agências dos objetos? Para a ANT (*Actor-Network-Theory*), o social é um termo para um tipo de associação momentânea, como busquei explorar nos tópicos anteriores ao narrar breves situações que ocorreram nas aulas. Latour (2015) critica a noção de força social como algo duradouro e que pretende explicar o funcionamento de instituições, para ele, não há vínculos constituídos de material social. O curioso é que ele dilui conceitos como “estrutura”, “cultura”, “sociedade”, mas não se arrisca em falar dessa diluição sobre o “racismo”, “machismo”, “sexismo” etc. Pela sua teoria essas palavras não implicam algo que tenha uma força social duradoura.

O racismo não me parece algo que só exista durante um ato que é racista. É uma ação, diria Ingold talvez, que é levada pelas correntes geradoras do mundo. Contudo, o antropólogo britânico ao colocar a vida como elemento central de suas discussões parece esquecer a sua contrapartida. Eu acrescentaria que não existe fluxo gerador de vida sem uma morte atmosférica que a acompanhe (Fanon, 2020). O racismo é levado por correntes destruidoras do mundo, sufocando com o seu vapor os povos indígenas e a população negra no Brasil há muitos séculos.

Certa vez, propus uma atividade para uma turma de Psicologia. As aulas eram presenciais, antes da pandemia Covid-19 e ocorriam no sábado pela manhã. Discutimos o pensamento de Guerreiro Ramos (1957) e Lélia Gonzalez (2018), bem como debates gerais sobre trabalho e sofrimento psíquico. Para o encerramento da disciplina propus uma atividade chamada “Método de Ação Psicodrama” com inspiração direta em Guerreiro Ramos e sua atuação no Teatro Experimental do Negro, fundado em 1944. O Psicodrama é uma abordagem de terapia em grupo que utiliza o teatro e outras artes, em diálogo com a Psicologia (e no caso das minhas aulas com a Sociologia e Antropologia também) para analisar questões biopsicossociais.

Confesso que estava desanimado quanto ao andamento do trabalho. Era uma turma do noturno, mas a universidade estabeleceu o dia de sábado, às sete horas da “matina” para as nossas aulas. A maior parte dos estudantes dessa turma e da universidade são da classe trabalhadora, provenientes de várias “cidades do interior”, muitos ainda da zona rural. Ou seja, a mudança de horário, o cansaço, a distância eram todos componentes que dificultavam o bom andamento das aulas.

Muitas faltas e sempre muito sono. Mas, de forma geral, um pequeno núcleo participava muito. Ao longo do último mês, o final de cada aula ficou designado para o desenvolvimento da atividade. A turma foi dividida em dois grupos. Eram poucos estudantes, cerca de quatorze. Os temas escolhidos pelos próprios grupos foram: machismo e mulher negra. Minha parte entrou na orientação de artigos, discutimos sobre os temas, bem como a estrutura e história do Psicodrama no Brasil.

Cada grupo ficou de me entregar o roteiro de apresentação. Um grupo apresenta, o outro analisa. A totalidade da turma se dedicou integralmente ao trabalho, unindo, inclusive, diversas linguagens artísticas: teatro, música e dança. As apresentações foram estruturadas em diversos depoimentos com o intuito de mostrar o machismo e o racismo impregnado no cotidiano.

Luzes se apagaram, o que deixou a sala sem janelas sem muita visibilidade. De repente, algumas estudantes ligaram as lanternas dos celulares e dirigiram a luz para o centro da sala. Da disposição das cadeiras ao fundo da sala emergia no centro uma jovem mulher negra de vestido branco e uma bacia a sua frente cheia de um líquido rubro. A moça ficou parada longos segundos em silêncio e entoada pelo batuque que certamente não se encerrava nas paredes da sala, começou a movimentar os pés e os braços em gestos circulares.

Entre as síncopes do samba, ela se abaixava ritmicamente, quase sem querer, molhava as mãos e os pés na bacia que respingava em seu vestido. Os movimentos duraram os instantes exatos da música. Luzes acesas. O vestido estava todo sujo de sangue, digo... tinta. Não, naqueles instantes era sangue e estávamos todos respingados também.

semanas seguintes à atividade, vi uma sala bem diferente, com os estudantes posicionados em novos lugares, conversando com pessoas que antes não se falavam.

Quanto aos temas, eu deixei que eles escolhessem livremente, embora tendo consciência que as discussões ao longo do semestre possuísem influências nessas escolhas. Eles não tiveram dificuldades na elaboração dos roteiros. Nas apresentações foi comum inclusive que pessoas de outros grupos ajudassem como figuração ou segurando algum elemento do cenário feitos de papelão. Os temas foram: 1) Influência da tecnologia na sociedade; 2) Racismo e 3) Femicídio.

O primeiro grupo construiu um universo distópico mostrando os males da tecnologia, criando inclusive uma psicopatologia: Transtorno de Notificação e Atenção (TNA). Abordaram temáticas como violência, *bullying*, suicídio, anomia (no sentido durkheimiano) em decorrência do indivíduo não se ajustar a uma sociedade freneticamente tecnológica.

O segundo grupo articulou textos abordados na disciplina de autores como Guerreiro Ramos (1957) e Abdias do Nascimento (2016). Utilizaram várias cenas como exemplos do racismo cotidiano que existe no Brasil, mostrando aspectos da negação à constatação da existência do preconceito racial. As discussões após a apresentação foram particularmente interessantes. Uma observação de uma estudante que me chamou muita atenção foi o destaque que ela deu de como foi difícil estar no papel de algoz, a dificuldade (ou constrangimento) em ser conscientemente racista com uma colega de sala, mesmo sabendo que era uma encenação.

O terceiro grupo abordou o tema feminicídio. O grupo tinha apenas um integrante do gênero masculino. Ele acabou interpretando um homem violento, extremamente misógino, que se torna um assassino em série em surtos diante de mulheres que lembram sua esposa (e inconscientemente a mãe). O grupo trabalhou muito bem questões de relacionamentos abusivos, mostrando as diferenças entre cuidado e controle.

As discussões posteriores às apresentações foram cheias de emoções, com relatos espontâneos de diferentes tipos de assédio que as estudantes sofreram. De

fato, através do Psicodrama conseguimos criar um ambiente ao mesmo tempo de reflexão e acolhimento. Não imagino em uma aula comum, de exposição ainda que dialogada, estudantes se sentirem à vontade para relatem sofrimentos tão íntimos. No final, os estudantes indicaram a importância de relacionar diferentes saberes como a Arte, a Psicologia, a Sociologia e a Antropologia para aprofundar temas que são, ao mesmo tempo, subjetivos e sociais.

Uma comunidade aberta de aprendizado envolve, necessariamente, esse reconhecimento de uns pelos outros. Trata-se de um esforço coletivo que está para além do(a) professor(a). Nas experiências pedagógicas discutidas há uma implicação em considerar as particularidades e as necessidades dos estudantes (hooks, 2017; Freire, 2013).

A práxis freireana retomada por bell hooks (2017) da qual eu também me inspiro faz sentido quando as experiências circulam e aprendemos com elas. Transformamos a sala de aula também no espaço de acolhimento para ouvir e contar histórias, não esquecendo de acionar a sensibilidade antropológica para compor novos projetos de fazer mundo.

Para encenar a vida – permeada pela morte atmosférica tão comum para os povos que se constituíram na fricção colonial – a tinta, o sistema de som da sala que faz vibrar os batiques, os celulares que clareiam a penumbra, materiais e pessoas são como linhas de propriedades emergentes que se emaranham, fiando em um movimento de torção a própria sala de aula.

Essa sala, talvez de forma reduzida, possa ser o que Malcom Ferdinand (2022) denominou de uma ecologia-do-mundo. Uma espécie de ontologia relacional, envolvendo encontros de uma pluralidade de humanos, não humanos e a tecnologia, atenta às discriminações capacitistas, de gênero, de classe, de sexualidades e étnico-raciais.

Quando materiais e pessoas se juntam para contar histórias, percebemos um processo de crescimento do conhecimento desses entes ao compartilhar o mundo. Os relatos espontâneos, a emoção que aflora, as histórias que se somam às histórias são efeitos que estão nas ontologias, ao mesmo tempo que agem sobre elas, o que

Mauro Almeida (2013) chamou de acordos pragmáticos. A ressonância que esses acordos geram estão para além da sala de aula o que constitui em possibilidades reais de transformação, quando essas reverberações alcançam outros turbilhões da vida dos estudantes.

Considerações Finais

O cotidiano da sala de aula é um pequeno e potente fragmento de análise para compreender o ensino de Antropologia no Brasil. Neste trabalho, a partir das minhas experiências como professor em uma Instituição de Ensino Superior privado no sudoeste baiano, busquei tensionar diferentes narrativas que circulam e constroem a sala de aula.

Acredito que para além da estrutura arquitetônica, a sala de aula como uma “bolsa” carrega subjetividades, poéticas e políticas. Isso se torna mais evidente ao prestar atenção nas correspondências que existem entre materiais, pessoas e os usos pedagógicos dessas relações (Le Guin, 1989).

Dessa forma, as experiências narradas foram escolhidas por proporem um tipo de atividade lúdica que extrapola a utilização de materiais educacionais convencionais (papel, caneta, caderno) para outros tipos de materiais (uma bacia, água, tinta, papelão, luzes dos celulares).

Obviamente que a escolha também envolveu experiências que considerei exitosas para que fosse possível demonstrar certa relação do tipo materiais/pessoas dentro da classificação da sala de aula como assembleia (Tsing, 2022; Ingold, 2015, 2022). Vale dizer que a sala de aula também é feita de fracassos, tentativas e erros. Esses elementos ficaram de fora porque não fazem parte do tipo de tensão que estou interessado. Foge também ao escopo do trabalho apresentar em detalhes as relações intersubjetivas construídas entre professor(a) e estudantes ao longo das aulas, mas que constitui, certamente, um tema importante para aprofundar.

Portanto, adentrando a sala de aula como uma assembleia, o cartão inicia a comunicação eletrônica com outros materiais, assim como eu saúdo os estudantes ao adentrar a sala. A escrita pode enganar o que no ato não é uma sequência, a materialidade das coisas e das pessoas estão em simultânea conexão. Se ontologias também são modos de produção de pessoas, a sala de aula é um lugar especial para estudar esses movimentos e conflitos, e eu apenas costurei pequenos nós. Brevemente busquei explorar possibilidades de narrativas ao tensionar relações do tipo objetos/sujeitos e materiais/pessoas. Considero que a última relação abre alternativas para que a sala de aula não se encerre em suas paredes, afinal, as mochilas que carregam estórias ficam presas às cadeiras apenas por algumas horas.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Mauro. Caipora e outros conflitos ontológicos. In: *Revista de Antropologia da UFSCar*, v.5, n.1, jan.-jun., p.7-28, 2013.
- FANON, Frantz. *Medicina e Colonialismo*. Editora Terra sem Amos: Brasil, 2020.
- FERDINAND, Malcom. *Uma Ecologia Decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. Tradução Letícia Mei. São Paulo: UBU, 2022.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1 ed. 2013.
- GONÇALVES, Marco; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia (orgs.). *Etnobiografia: subjetivação e etnografia*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras*. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.
- HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do sec. XX. In: TADEU, Tomaz (org.) *Antropologia ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2009.
- hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Edutora WMF Martins Fontes, 2017.
- HUI, Yuk. *Tecnodiversidade*. Tradução Umberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- INGOLD, Tim. *Estar Vivo: ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição*. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. *Imagining for Real: essays on Creation, Attention and Correspondence*. Abingdon, Oxon; New York, NY: Routledge, 2022.

LATOURE, Bruno. *Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Salvador: Edufba; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

LE GUIN, Ursula K. The Carrier Bag Theory of Fiction. In: *Dancing at the Edge of the World: Thoughts on Words, Women, Places*. New York: Grove Press, 1989.

LÉVY, Pierre. *A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

RAMOS, Guerreiro. *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Editorial Andes Limitada, 1957.

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o passado: poder e a produção da história*. Tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: Huya, 2016.

TSING, Anna Lowenhaupt. *O Cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vi nas ruínas do capitalismo*. Tradução Jorgge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: n-1 edições, 2022.

VERRAN, Helen. *Science and an African Logic*. Chicago, IL & London: University of Chicago Press, 2001.

Recebido em: 16 de jun. 2023.

Aceito em: 10 de ago. 2023

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO

BERNARDES, Marcus. Decompondo a Sala de Aula: experiências pedagógicas no ensino de Antropologia. *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais*. Cabecs, v.7, n. 1, p.37-56, 2023.